



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BUENO, Julia Scuissiatto; VOLPI, José Henrique. O corpo na psicose. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). 23º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

O CORPO NA PSICOSE

Julia Scuissiatto Bueno
José Henrique Volpi

RESUMO

A psicose é um transtorno recorrente em pacientes, principalmente em hospitais e clínicas psiquiátricas. A falta de compreensão dos profissionais de saúde sobre como os transtornos mentais atuam diretamente no corpo interfere na forma como enxergam estes pacientes. O indivíduo psicótico possui a perda do contato com seu próprio corpo, sua percepção de realidade é diminuída, tornando difícil comunicar ao outro aquilo que vivencia. Nesse artigo, pretende-se demonstrar como o entendimento sobre a psicose, no âmbito da Psicologia Corporal, pode auxiliar na forma que esses pacientes são tratados.

Palavras-chave: Corpo. Psicose. Psicologia Corporal. Saúde.

A psicose é um transtorno existente desde os primórdios, inicialmente caracterizada por alguns autores como uma doença mental acompanhada de loucura e alienação, passando pela concepção de doença mental, chegando aos dias atuais como uma questão de saúde mental.

Segundo Federico Navarro (1996), as psicoses originam-se no período intrauterino, mais especificamente no período embrionário, onde o estresse sofrido pelo embrião altera sua condição energética e por consequência forma registros que podem ser comprometedores das funções mentais, ocasionando com isso a chamada psicose. Durante a vida embrionária a ação estressora é determinada pela emoção do medo celular da morte, de desintegrar-se, desaparecer.

A falta de contato com a realidade que acontece na psicose, não significa que o indivíduo não reconheça o que acontece ao seu redor. O indivíduo não reconhece os sentimentos e sensações em seu corpo como seus, o que lhe causa estranheza, fazendo com que a comunicação ao outro seja através de seu comportamento aterrorizado.

De acordo com Lowen (1979), a desintegração do ego do psicótico faz com que ele perca todo o controle que o ego possui sobre as forças instintivas do corpo.

O corpo do psicótico, segundo Corrêa (2012), não possui uma delimitação, devido às frustrações nas experiências que criam a integração egóica. Para Winnicott (2000 *apud* Corrêa, 2012) essa delimitação forma-se por meio dos comportamentos dos cuidadores de aquecer, segurá-lo, dar banho e o chamar pelo nome.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BUENO, Julia Scuiattiato; VOLPI, José Henrique. O corpo na psicose. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). 23º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

O olhar do psicótico é uma característica marcante em seu corpo, é descrito como “vazio”, “vagos” ou “fora de contato”. De acordo com Navarro (1995), o bloqueio aorganótico dos olhos é uma característica da esquizofrenia, responsável pela interpretação errada da realidade, incoerência, confusão e a defesa de um ambiente hostil. Esse bloqueio ocasiona a cisão entre a percepção e a sensação proporcionando a possibilidade de o indivíduo dar-se conta da própria sensorialidade, porém ele não a percebe.

A psicose está ligada ao primeiro segmento, que segundo Navarro (1995), é constituída pelos olhos, ouvidos e nariz. O autor acredita que não existe um caráter ocular, pois para existir um caráter é necessário que exista o eu e a formação do eu ocorre no nível dos olhos, mas num sentido existencial e não no sentido de ser. O eu – no sentido de ser – deve ser uma identidade biológica, tornar-se o “mim”. Portanto, a formação do eu ocorre quando a funcionalidade ocular se conclui. O psicótico, em contrapartida, não tem um eu, se manifestando de formas diversas e mutáveis, dificultando o estabelecimento de um tipo caracterial.

Segundo Navarro (1995) o eu do psicótico,

é na realidade um eu “vegetativo”, o psicótico não pode dizer “eu” porque lhe falta a consciência do corpo. A consciência não é um fato existencial, mas um fato de Ser (em latim “ente” como participio presente do verbo ser) e está ligada ao funcionalismo ocular. (NAVARRO, 1995. p. 41)

A fixação na frustração da vida intrauterina faz com que o psicótico não possua um caráter estruturado, desenvolvendo apenas o temperamento, sendo este imutável e desenvolvido nas etapas iniciais do desenvolvimento, influenciando seu funcionamento mental e afetivo. (CORRÊA, 2012)

A vegetoterapia auxilia na formação do eu a partir do eu do terapeuta, que preenche a falta de maternagem sofrida nos primeiros dias de vida. Navarro afirma que durante a terapia quando

o si está fragmentado, disperso, e na verbalização o paciente afirma “Sinto-me todo estilhaçado”, isso é positivo. Significa que está tomando consciência da própria tendência a desagregar-se, isto é, numa situação psicótica. No momento em que sente que está para fragmentar-se, e isso o assusta, é justamente esse medo que vai lhe servir para não “se fragmentar”: ou seja, o medo entra como mecanismo de defesa. (NAVARRO, 1995. p. 46)

Nesse sentido, de acordo com o autor, a partir da vegetoterapia o psicótico precisa tornar-se neurótico para se curar.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BUENO, Julia Scuiattiato; VOLPI, José Henrique. O corpo na psicose. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). 23º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

No período fetal, que vai do terceiro mês de gestação aos primeiros dez dias após o nascimento, o estresse irá comprometer a estrutura emocional do bebê, mas dessa vez, segundo Navarro (1995), não trará como possibilidade a psicose e sim, o chamado núcleo psicótico, que é uma condição que pode, ou não, transformar-se em psicose, de acordo com os estresses posteriores ao longo do desenvolvimento infantil. Sendo assim, podemos dizer que o núcleo psicótico terá quase as mesmas características do psicótico, principalmente se o grau for severo, mas seu ego não será tão desestruturado como ocorre com o ego do psicótico.

Navarro (1996) aponta que a baixa energia (hiporgonia) total no embrião nesse período é resultante de tentativas de aborto, gravidez indesejada, intoxicações ou emoções negativas da mãe que afetam diretamente o embrião. (NAVARRO, 1996)

A personalidade na psicose está dividida e retraída da realidade, existindo na esquizofrenia vários estados esquizoides, onde esse retraimento se manifesta mantendo a personalidade através do pensamento racional. (LOWEN, 1979)

Numa visão psicológica, de acordo com Lowen (1979), o esquizoide possui características e comportamentos semelhantes à esquizofrenia, mas está mais ou menos dentro dos limites da normalidade. Ocorre no indivíduo esquizoide uma deficiência na integração do prazer, assim como uma visão distorcida do eu corporal.

Lowen ainda acrescenta que o esquizoide, para tentar manter o contato com a realidade, se utiliza de pseudocontatos e intelectualizações, tentando assim ter um comportamento que se assemelhe com a normalidade. Mas o comportamento esquizoide se difere do normal em algumas características importantes: o fato de não ter motivação pela busca do prazer e sim pela necessidade de sobreviver, além do desejo de fugir da solidão criada por sua própria alienação emocional.

Na psicose ocorre um conflito entre o ego e o corpo, o ego esquizoide nega o corpo enquanto o ego esquizofrênico se dissocia dele. O medo do corpo, no esquizoide, cresce de tal maneira a transformar-se em pânico, fazendo com que o ego o negue. Quando esse medo passa a ser terror, o ego se dissocia rompendo a personalidade, caracterizando a esquizofrenia. Esse conflito gera uma cisão na personalidade, afetando toda a existência do indivíduo. (LOWEN, 1979)

A negação completa da realidade vivenciada na esquizofrenia faz com que esse terror desapareça, pois, o terror é ocasionado pelo medo de ser destruído, então a condição esquizofrênica funciona como um refúgio. Tendo em vista que não há como destruir algo inexistente, o esquizofrênico não pode ser punido se ele não é ele mesmo. Se o terror vem



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BUENO, Julia Scuiattiato; VOLPI, José Henrique. O corpo na psicose. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). 23º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

pelo medo de destruir uma outra pessoa, o mecanismo paranoide funciona o convencendo de que os outros estão planejando destruí-lo. (LOWEN, 1979)

O corpo na psicose se inscreve diferente da neurose, não é apenas um transtorno psicológico, mas também biofísico. Nesse quadro, o indivíduo psicótico tem seu corpo inteiro afetado. As interpretações psicológicas não bastam para compreender o psicótico, pois seu entendimento transcende as palavras e seus significados. (REICH, 1998)

Segundo Lowen (1979), na esquizofrenia ocorre a perda completa de contato com o corpo, onde o mesmo não sabe quem é, estando totalmente fora da realidade. Indivíduos psicóticos possuem uma perturbação que gera a dissociação entre a Imagem e a Realidade, sendo a imagem símbolos e criações mentais opostas à realidade da experiência física.

Levando em consideração o fato de o esquizofrênico ter a perda completa de contato com seu corpo, sua realidade é diminuída, pois só vivencia a realidade do mundo por meio de seu corpo. Por consequência, volta-se para dentro de si, onde seus pensamentos e fantasias substituem o sentimento e a ação, e as imagens compensam a perda da realidade. (LOWEN, 1979)

A fuga da realidade, uma compreensão distorcida e fragmentada sobre si e o mundo, faz com que o indivíduo esquizofrênico não estabeleça uma barreira de contato entre si e o externo, possuindo delírios e alucinações como sintoma. (CORRÊA, 2012)

O psicótico reside em si e no outro, não reconhece uma identidade própria, ele não enxerga o outro de si, sua realidade é criada através de suas projeções. Suas projeções demonstram a possibilidade de sobrevivência, tendo em vista que no início de sua vida, o contato com o mundo externo se deu de maneira frustrante e agressiva. (CORRÊA, 2012)

Devido a não possibilidade de contato com o outro, de se comunicar e se expressar, o psicótico vivencia um sofrimento intenso, o que é chamado por Navarro de “angústia psicótica”. O medo é tão grande que o obriga a cada mais fechar-se em si, sentindo assim uma sensação de pânico extremo. As tentativas do psicótico de sair do sofrimento são movimentos inconscientes de auto-cura, como por exemplo, estereotípias, comportamentos e caretas. Sendo as caretas uma tentativa de ligar o primeiro nível ao segundo. (NAVARRO, 1995)

Desse modo, é possível concluir que a posição ocupada pelo psicótico na sociedade provém da ideia de que é alienado e desprovido de qualquer consciência sobre si. As manifestações do psicótico se tornam muitas vezes incompressíveis para o interlocutor, sendo a análise do corpo uma maneira eficaz de compreender os fenômenos que lhe ocorrem. Portanto, sob o viés da Psicologia Corporal, entender o indivíduo em sua totalidade – biofísica



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BUENO, Julia Scuissiatto; VOLPI, José Henrique. O corpo na psicose. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). 23º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

e psicológica – é necessário, tendo em vista que a forma que enxergamos os pacientes interfere diretamente na forma que iremos tratá-lo.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Cairu Vieira; VOLPI, José Henrique. Psicose: a desestruturação do eu expressa pela fuga da realidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: 02/03/2018.

LOWEN, A. **O Corpo Traído**. São Paulo: Summus, 1979.

NAVARRO, F. **Caractereologia Pós- Reichiana**. São Paulo: Summus, 1995.

NAVARRO, F. **Somatopsicodinâmica: sistemática reichiana da patologia e da clínica médica**. São Paulo: Summus, 1996.

REICH, W. **Análise do caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

AUTORA e APRESENTADORA

Julia Scuissiatto Bueno / Curitiba / PR / Brasil

Psicologia (PUCPR), Estudante de Especialização em Psicologia Corporal (Centro Reichiano).

E-mail: scuissiattoj@gmail.com

ORIENTADOR

José Henrique Volpi / Curitiba / PR / Brasil

Psicólogo (CRP-08/3685), Analista Reichiano, Especialista em Psicologia Clínica, Anátomo-Fisiologia, Hipnose Eriksoniana e Psicodrama. Mestre em Psicologia da Saúde (UMESP), Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Diretor do Centro Reichiano-Curitiba/PR.

E-mail: volpi@centroreichiano.com.br